

CORONAVÍRUS: A MOVIMENTAÇÃO DO INVESTIDOR PERANTE A CRISE

Data de aceite: 01/09/2023

Maxwel Wellington Basilio

Graduanda(o) em Ciências Econômicas
(UNOCHAPECÓ)

Bruna Furlanetto

Mestra em Políticas sociais e dinâmicas regionais. Professora e Coordenadora do Curso de Ciências Econômicas

RESUMO: O estudo apresenta informações da pesquisa de iniciação científica sobre o comportamento dos agentes econômicos durante a crise de 2008 e de 2020, a queda na bolsa de valores causada pelo receio dos investidores, bem como faz a análise das duas depressões econômicas, os impactos no PIB e a desaceleração da economia causada pela pandemia de Coronavírus, a alteração do perfil do investidor no período, uma vez que o cenário brasileiro enfrentou a retração da SELIC, tendo uma diminuição da taxa de juros, e em consequência o desestímulo do aquecimento do mercado. Tal variação representa uma queda na atividade econômica, demonstrada graficamente utilizando do método de pesquisa, podemos concluir que não só os investidores, mas a economia no geral tiveram alterações que foram evidenciadas

através dos dados encontrados e a mudança no perfil do investidor se dá através da alocação inicial reduzida de recursos e busca de maior autonomia ao investir através de canais disponíveis por meio de sítios na internet e plataformas de conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: Investimentos, crise, pandemia, bolsa de valores, perfil do investidor

1 | INTRODUÇÃO

A economia não é uma ciência exata. A instabilidade de acontecimentos nas relações comerciais e financeiras entre países do mundo globalizado, o comportamento do consumidor quanto às suas preferências para a aquisição de bens, a falta de previsibilidade quanto a acontecimentos naturais que causam danos na oferta de determinados bens de consumo, a superprodução ou desaceleração de investimentos por parte do mercado são eventos imprevisíveis e que geram depressões econômicas (crises econômicas) desde os primórdios da humanidade. Os mais relevantes exemplos

de depressões econômicas do século XXI são a crise do “*subprime*” de 2007 e a mais recente crise sanitária global causada pelo Coronavírus, iniciada em 2020.

O comportamento desencadeado a partir da crise de 2007 abriu com um campo de pesquisa que desenvolveu-se a partir do episódio, a diminuição de liquidez e a escassez de linhas de crédito, a depreciação do câmbio também foram as modificações sentidas, o que provocou um afastamento do investidor no período.

Outro momento da história recente que acometeu os sistemas econômicos foi a crise sanitária originada na cidade de Wuhan, na China. Em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu como pandemia a crise sanitária do novo Coronavírus (Covid-19).

O objetivo geral é identificar e explicar sobre o comportamento dos investidores frente às duas crises econômicas que tiveram impacto macroeconômico, bem como entender seus efeitos no comportamento do investidor. Através da pesquisa e dos dados expostos, o objetivo geral do estudo é analisar as mudanças no perfil do investidor, o impacto da redução da taxa básica de juros - a Selic na decisão do investidor que levou os brasileiros a procurarem a bolsa de valores em meio a uma crise sanitária e econômica, impulsionando a Brasil, Bolsa, Balcão - B3 (bolsa brasileira) a bater recorde de CPFs cadastrados, atingindo 4 milhões no início de novembro de 2021 (B3, 2021).

Os objetivos específicos do estudo tem por finalidade:

1. Descrever a crise de 2008 e a pandemia COVID - 19 e seus impactos na economia;
2. Apresentar os tipos de investimentos existentes no Brasil
3. Identificar e analisar o comportamento do investidor frente às duas depressões econômicas, com ênfase à pandemia COVID-19.

Dado o exposto, o presente artigo tem como problema de pesquisa o questionamento:

Quais alterações podem ser identificadas nas modalidades de investimento atrativas ao investidor frente a crise sanitária do Coronavírus (2020) em paralelo com a crise do *subprime* (2008)?

2 | A CRISE DO SUBPRIME

A crise econômica internacional de 2007 teve como principal característica os investimentos massivos em hipotecas, categoria de alto risco e que possuía tomada de crédito com garantias irrealis e portanto chances de calote, por daí derivando o termo crise do “*subprime*”. A depressão econômica tem impactos que se alongaram até hoje, pois trouxe a diminuição da liquidez, escassez de crédito e a depreciação do câmbio na época.

Nesta crise, dois fatores foram decisivos para que se instalasse no sistema financeiro americano, uma delas sendo novos potenciais tomadores de financiamento imobiliário no mercado hipotecário dos Estados Unidos. Estes tomadores não possuíam condições

para pagamento dos financiamentos, muitas vezes não dispunham de trabalho ou renda e contavam com histórico de inadimplências de pelo menos dois anos anteriores à data de contratação do financiamento. O segundo fator foi a busca por seguros para crédito dos *subprimes*. As instituições serviam de origem para financiamentos imobiliários de longo prazo a taxas fixas e baixas, uma vez que a taxa de juros dos EUA caía consideravelmente, distribuindo riscos através do mercado de capitais (BORÇA e TORRES, 2008).

[...] “O processo de trocas de hipotecas estava baseado, portanto, no movimento ascendente dos preços dos imóveis, possibilitando, ainda, que os agentes não apenas conseguissem resgatar alguma quantia em dinheiro por ocasião da realização da transação, mas também arcar com as elevadas comissões que os intermediários financeiros cobravam pela negociação.”

(BORÇA e TORRES, 2008, P. 138)

Com a crise instaurada, várias foram seus efeitos, como a redução de liquidez de títulos de curto prazo nos Estados Unidos (os *commercial papers*), a elevação dos spreads bancários e as taxas para empréstimos entre bancos subiram gradativamente, ressaltando seu receio quanto ao fornecimento de crédito e empréstimos de curto prazo entre si, forçando os Bancos Centrais a desenvolver medidas para manter a liquidez na economia. (BORÇA e TORRES 2009)

“A contração da liquidez internacional continuou contribuindo para um processo de desalavancagem por parte de administradores de recursos, o que, por sua vez, vem exercendo influência baixista generalizada sobre os preços de ativos. Em ambiente de maior aversão ao risco e fluxos de capitais mais escassos, as pressões sobre moedas de economias emergentes foram mantidas.” (COPOM, 2008)

Esta pressão sobre as moedas emergentes teve reflexo no mercado financeiro brasileiro. Em outubro de 2008 um mecanismo denominado *circuit breaker* - que paralisa as negociações na bolsa de valores - foi acionado para evitar a forte queda das ações negociadas na bolsa brasileira. As negociações foram paralisadas por um total de 1 hora e 30 minutos, sendo a forte turbulência dos mercados internacionais quanto às necessidades bilionárias dos bancos norte-americanos, bem como a falência de algumas instituições um dos motivos para a parada de negociações no mercado (LAPORTA, 2017).

Uma das medidas adotadas pelo governo americano para a contenção de impactos da crise do *subprime* foi o *quantitative easing* que é a ação de compra de títulos de longo prazo por parte do Banco Central, no caso dos Estados Unidos o FED, gerando liquidez no mercado e derrubando juros para que assim os tomadores de crédito renegociem suas dívidas tendo maior fôlego financeiro (LIMA, 2020, P. 15).

3 | A CRISE SANITÁRIA DO CORONAVÍRUS

Segundo a Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UNA-SUS), o Brasil

teve o primeiro caso confirmado dia 26 de fevereiro de 2020, o infectado contraiu o vírus em uma viagem à Itália. Com isso vários países além do Brasil iniciaram medidas de isolamento e distanciamento social, uma tarefa árdua e muito complexa de garantir a saúde de toda a população. Com as medidas adotadas para a implementação do isolamento e *lockdown*, empresas e trabalhadores precisaram adequar-se ao novo modelo de trabalho denominado *home office*.

As medidas de confinamento impactaram principalmente economias emergentes, como é o caso do Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro no primeiro trimestre de 2020, retraiu 0,3% em relação ao mesmo período do ano anterior, porém, com a crise sanitária causada pela Covid-19, o PIB recuou, no segundo semestre de 2020, 9,7% em relação ao primeiro semestre do mesmo ano. Tais informações demonstram o impacto inicial das medidas governamentais de distanciamento social para combate à pandemia.

Analisando as informações do PIB, identifica-se uma baixa na atividade econômica no fim do primeiro ano da crise sanitária. Segundo dados do IPEADATA, o PIB brasileiro fechou o 4º trimestre de 2020 em uma retração de -0,92%, retratando graficamente os impactos causados por medidas de isolamento social adotadas no país, os *lockdowns*, e as restrições de circulação em determinados horários (toques de recolher).

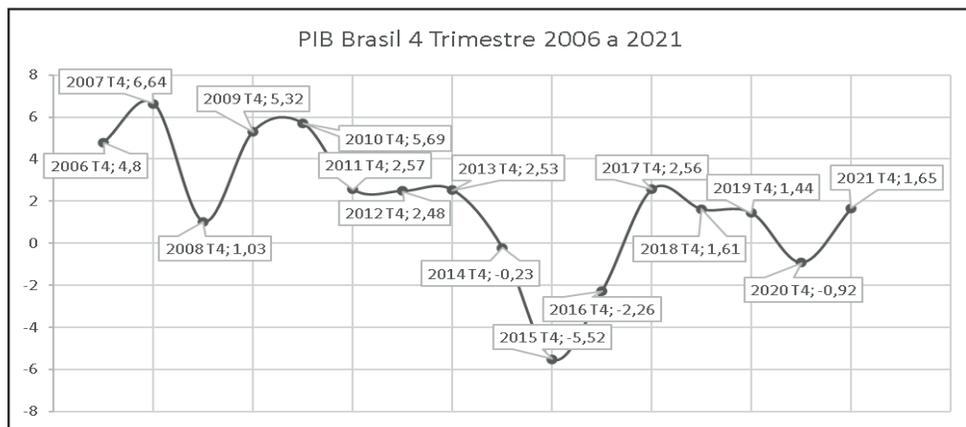


Gráfico 1: Histórico do PIB brasileiro no 4º trimestre. Fonte: IPEADATA - modificado

As medidas governamentais voltadas para a política monetária no cenário da pandemia foram expansionistas, a redução da taxa de juros a fim de aquecer a economia tornou o acesso ao crédito facilitado e atrativo, com o consumidor buscando empréstimos e financiamentos pagando taxas menores por operação (LIMA, 2020).

“[...] o que foi visto foi que o corte da taxa de juros não conseguiu aquecer a economia, tampouco há aumento esperado na inflação. Nesse ponto, o que foi visto foi uma queda tão acentuada da demanda agregada e um cenário tão complicado no que tange a perda de renda da população que, mesmo

com o menor nível histórico dos juros, não houve aquecimento da economia.”
(LIMA, 2020. P. 15)

Concubinado com a retração no PIB, as medidas de distanciamento social e o início de pandemia mundial causaram aflição no mercado financeiro desde os estágios iniciais. O índice IBOVESPA, o principal do mercado financeiro brasileiro teve queda, passou de 104.171 pontos no fim de fevereiro para 73.019 pontos no último pregão do mês de março de 2020 (Brasil Bolsa Balcão – B3).

“Em resumo, o índice Ibovespa é calculado por uma média de performance das ações mais negociadas nos últimos meses pela Bolsa. E quando se fala que o “Ibovespa subiu” quer dizer que as empresas do índice, em média, se valorizaram e que os investidores em geral estão mais otimistas.” (XP, 2020)

A queda no índice avaliado como termômetro do mercado acionário brasileiro, demonstra o receio dos investidores quanto à movimentação de ativos e a alocação de recursos dentro do país. A queda gradativa e rápida em um único dia da bolsa de valores brasileira acionou o mecanismo que interrompe as negociações de ações na bolsa, o *Circuit Breaker*. Esta queda no índice e o uso do *Circuit Breaker* para interromper as negociações se assemelham muito a acontecimentos provocados pela crise de 2008, citada anteriormente.

4 | INVESTIMENTOS DISPONÍVEIS NO MERCADO BRASILEIRO

O mercado financeiro brasileiro dispõe de diferentes modalidades de investimento além do mercado de renda variável e de ações. Estão disponíveis para investidores brasileiros Certificados/Recibos de depósito bancário (CDB/RDBs), produtos de renda fixa onde o investidor “empresta” o valor investido para o banco, recebendo juros atrelados a uma taxa pré-fixada, pós-fixada ou um índice flutuante como o CDI. Os *commercial papers*, já citados neste artigo, são títulos de crédito emitidos para captação de capital de giro para empresas (NETO, 2022).

A caderneta de poupança é um dos investimentos mais seguros existentes, bem como um dos mais comuns em todo o mercado financeiro nacional. Este tipo de aplicação permite qualquer valor, sendo sua remuneração a Taxa Referencial + 0,5% ao mês. Os títulos públicos, outro modelo de investimento considerado conservador, são emitidos pelo Tesouro Nacional e servem para financiar o governo. Conhecidos também como “Títulos do Tesouro”, podem ter taxas prefixadas, pós-fixadas, atreladas ao Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ou ser atrelados à taxa Selic.

Ainda no campo da Renda Fixa, as LHs e LIs - letras hipotecárias e letras imobiliárias, respectivamente - servem para fornecer crédito e financiar empreendimentos imobiliários. A LCA, ou Letra de Câmbio do Agronegócio serve para financiar atividades voltadas ao setor do agronegócio e as LCIs do setor imobiliário.

No mercado da renda variável, ou mercado de capitais, voltado para investidores com perfil adequado, existem as ações que são a menor parte de uma empresa e estão

disponíveis para negociação na bolsa de valores, sendo adquiridas através de uma instituição financeira. Existem os Depositary Receipts, recibos de depósitos emitidos por empresas que buscam capital internacional. Debêntures também estão disponíveis ao investidor brasileiro, sendo títulos de dívida emitidos por empresas de capital aberto para financiamento de atividades ou projetos de longo prazo (NETO, 2022).

O mercado da renda variável teve um salto significativo quanto à participação de Pessoas Físicas em suas negociações. Segundo relatório emitido pela Brasil, Bolsa, Balcão - B3, o número de CPFs na bolsa de valores nacional teve crescimento constante durante todo o período de pandemia.

“Em 2018, o número de contas de investidores PF na B3 era de 814 mil e, em dezembro de 2020, foi atingida a marca de 3,2 milhões, representando um aumento de quase 300%. No primeiro semestre de 2021, esse crescimento foi de 17%, atingindo a marca de 3,8 milhões de contas de investidores PF, sendo 500 mil novas contas no 1º semestre de 2021.” (B3, 2022)

5 | O COMPORTAMENTO DO INVESTIDOR BRASILEIRO PERANTE A CRISE SANITÁRIA

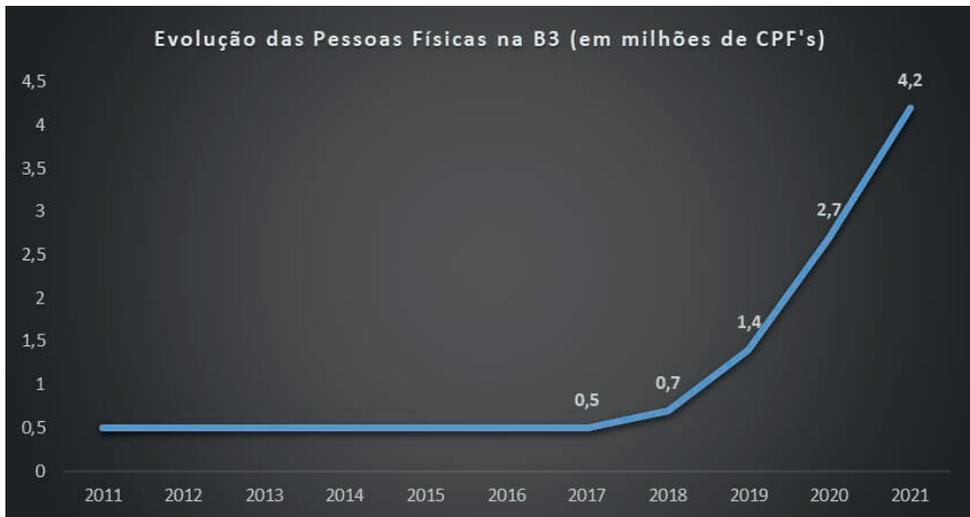
5.1 Evolução de CPFs inscritos na B3

Dados da B3 apontam um crescimento no número de CPFs cadastrados na Bolsa de Valores a partir de 2017, até então este número “andava de lado”, conforme jargão do mercado financeiro. É possível observar um salto de 3,7 milhões de novos inscritos na bolsa, ao comparar o ano de 2017 com o final de 2021, conforme ilustrações abaixo:

Evolução das pessoas físicas na B3			
Período	Homens	Mulheres	Total (milhões)
2011	-	-	0,5
2012	-	-	0,5
2013	0,4	0,1	0,5
2014	0,4	0,1	0,5
2015	0,4	0,1	0,5
2016	0,4	0,1	0,5
2017	0,4	0,1	0,5
2018	0,6	0,2	0,7
2019	1,1	0,3	1,4
2020	1,9	0,7	2,7
2021	3,2	1	4,2

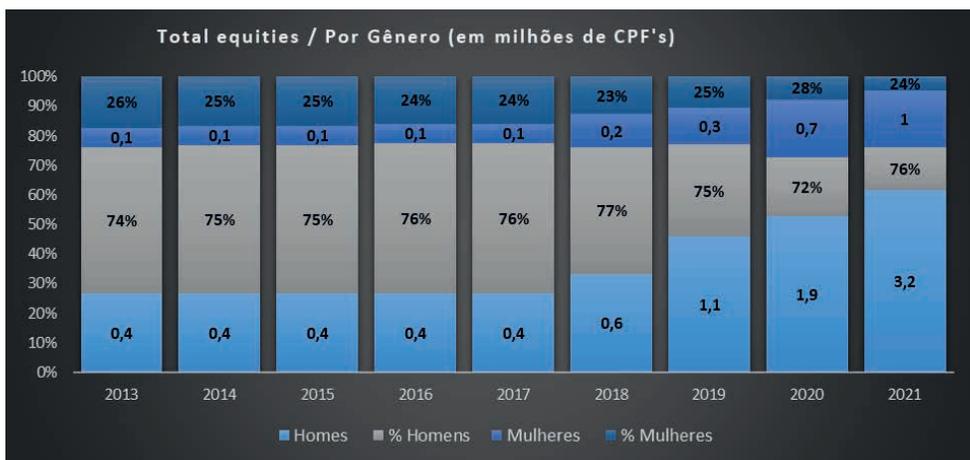
Fonte: B3 e inserção própria de dados.

A curva do gráfico a seguir é crescente, apontando um aumento no total de CPFs desde 2017, e tendência de alta nos próximos anos.



Fonte: B3 e inserção própria de dados.

Mesmo com tanto crescimento, ao analisarmos este aumento por sexo, é possível observar que o número de CPFs masculinos, é maior em relação ao de mulheres, contudo, houve um crescimento significativo de mulheres inscritas na bolsa nos últimos dois anos, e a perspectiva é que este número aumente.



Fonte: B3 e inserção própria de dados.

De acordo com Marcelo Billi, superintendente de Comunicação, Certificação e Educação de Investidores da ANBIMA, em um matéria para Infomoney, um possível justificativa para este fato, é a falta de dinheiro para investir, este fato reflete um importante impacto causado na esfera socioambiental: mulheres ocupando o mesmo cargo que muitos

homens, e por vezes ganhando uma remuneração menor.

5.2 Variações na taxa Selic

No mercado, salvo raras exceções, quanto maiores o risco e o prazo do investimento, maiores serão as taxas exigidas, para poder compensar o risco da operação. A história da taxa Selic no Brasil é extremamente volátil, seja por resposta às recessões causadas por crises econômicas, seja para estimular a economia, o fato é que esta dinâmica de aumento e queda na principal taxa de juros do país causa impactos em todo mercado financeiro.

Atualmente, as aplicações em renda fixa são remuneradas com base na taxa CDI, seja através do benchmark ativo, cujo objetivo é performar a rentabilidade acima do CDI, seja por um benchmark passivo que busca acompanhá-la. Ou seja, quanto maior a taxa CDI, maior é a demanda por títulos de renda fixa, pois além de possuírem uma boa rentabilidade, o risco é baixo, tornando a relação “risco vs retorno” muito atrativa, tanto aos investidores internos, quanto externos. Esta dinâmica causa impactos nos aportes de renda variável, pois oferecem riscos, e por vezes estes não compensam o retorno financeiro, esta dinâmica pode ser observada no gráfico abaixo:



Fonte: IPEA Data, B3 e inserção própria de dados

Há um “trade off” entre taxa selic e evolução de pessoas físicas na B3, em 2020 o Bacen baixou a taxa selic ao piso de 2% a.a., tornando a rentabilidade dos títulos de renda fixa menos atrativas. Este fato tornou a renda variável mais atrativa, pois apesar dos riscos, a rentabilidade seria bem maior que 2% a.a., tendo em vista que quanto maior o risco, maior o retorno.

O objetivo da tabela a seguir é evidenciar o “trade off” entre cenários com taxa Selic em percentuais maiores e a evolução da renda variável.

Período	Selic	CDI	Evolução das pessoas físicas na B3 (milhões)
dez/11	11,00	10,90	0,5
dez/12	7,25	7,15	0,5
dez/13	10,00	9,90	0,5
dez/14	11,75	11,65	0,5
dez/15	14,25	14,15	0,5
dez/16	13,75	13,65	0,5
dez/17	7,00	6,90	0,5
dez/18	6,50	6,40	0,7
dez/19	4,50	4,40	1,4
dez/20	2,00	1,90	2,7
dez/21	6,25	6,15	4,2

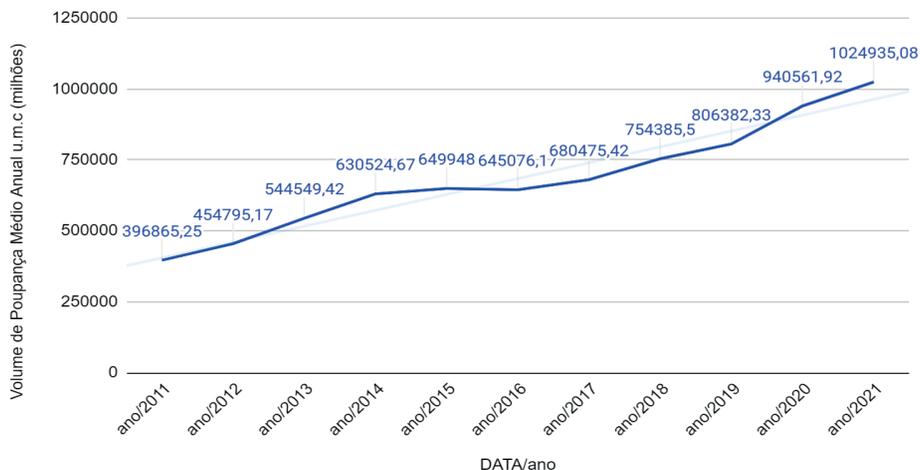
Fonte: IPEA Data, B3 e inserção própria de dados

É possível observar que o aumento no número de inscritos na bolsa de valores, iniciou quando a Selic começou a cair, em meados de 2017, tornando a renda variável mais atrativa para quem busca rendimentos maiores, considerando atrativa a relação entre risco e retorno.

5.3 Variação do volume de poupança

A poupança é uma aplicação financeira de renda fixa acessível e de fácil acesso para a população, possui alta liquidez e é remunerada com juros a cada 30 dias desde a data da aplicação. O principal problema que se encontra nela é a baixa rentabilidade comparada a outras aplicações, ficando abaixo da inflação em certas ocasiões. O principal objetivo pelo qual ela foi criada era o de garantir que as pessoas tivessem acesso a uma opção de investimento seguro, acessível e que pudesse se adequar a diferentes perfis.

Variação do Volume de Poupança



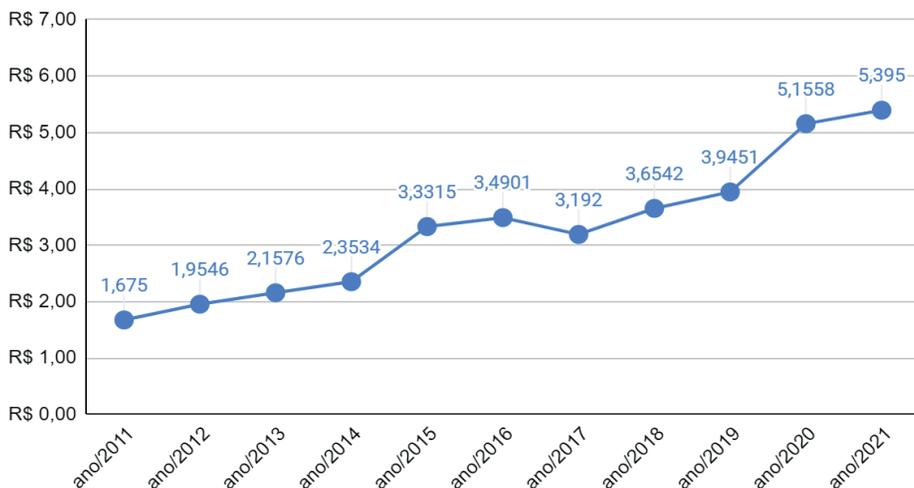
Fonte: IPEA Data, e inserção própria de dados

No espaço de tempo de 10 anos, o volume de poupança foi aumentando de maneira constante, com uma pequena diminuição no ano de 2016, que se explica devido a crise do período. Percebe-se também um grande salto no volume do ano de 2019 para 2020, com uma variação de 16,64%, isso se deve a injeção de dinheiro que o governo colocou na economia com o auxílio emergencial e o aumento da impressão de dinheiro no período, e ao fato das pessoas conseguirem poupar mais por estarem em casa, com baixo consumo.

5.4 Variação da taxa de câmbio

A taxa de câmbio é o valor que uma moeda tem comparado a outra, sendo que, no contexto mundial, o dólar é usado como referência ao valor de outras moedas estrangeiras. Ela é fortemente influenciada por questões econômicas e escolhas políticas, que pesam sobre diversos tipos de investimento.

Varição da Taxa de Câmbio



Fonte: IPEA Data, e inserção própria de dados

A taxa de câmbio teve uma variação de 222,09% do ano de 2011 para o ano de 2021, desvalorizando o valor do real no período, sendo que o aumento do valor do dólar perante a moeda brasileira teve seus picos nos períodos de crise, como a de 2015 e 2016, e a pandemia do Covid-19. A desvalorização do real durante a pandemia se deve aos fatores de que se teve fuga do capital estrangeiro do país no ano de 2020, grande impressão de moeda pelo Banco Central e taxas de juros mantidas em níveis baixos durante um grande período de tempo.

As baixas taxas de juros durante a pandemia podem ser consideradas uma das principais causas da desvalorização, já que não se tinha espaço para crescimento econômico durante esse período, levando a uma alta significativa da inflação. Em contrapartida, foi um período em que os investidores aportaram mais dinheiro na Bolsa de Valores.

Analisar o comportamento do investidor.....

O número de CPFs na bolsa de valores brasileira cresceu durante o período da pandemia, assim como o número de empresas abrindo seu capital. Segundo Assaf Neto (2021) a abertura de capital de uma empresa, ou seja, a emissão de ações no mercado é vantajosa pois desta forma as organizações financiam recursos para aplicação em seus projetos. Pode-se fazer uma relação entre a queda da atividade econômica - demonstrada pelo PIB - e a quantidade de IPOs na bolsa brasileira durante o período inicial da pandemia de Covid-19, uma vez que os recursos são utilizados para investimentos das organizações, os IPOs tornaram-se uma via a mais de financiamento durante o período de crise.

Segundo a ANBIMA, somente no ano de 2020 um total de 21 empresas abriram

seu capital. Em comparação com os anos anteriores, a soma de empresas tornando-se companhias de sociedade anônima, não chega a quantidade de IPOs em 2020. Em 2017, foram 9 empresas, em 2018, 4 instituições e em 2019, 5 companhias lançaram ações na bolsa de valores brasileira.

Com o aumento de empresas de diferentes segmentos abrindo seu capital, o termo “ações” ganhou destaque. Segundo dados do *Google Trends*, a palavra teve seu pico de popularidade e pesquisas durante as duas primeiras semanas de março de 2020, período onde ocorreram os *circuit breakers* na bolsa. O mercado de capitais estava em baixa, como mostra a série histórica de cotações do IBOVSPA anteriormente citado, e com tal queda o preço de ações despencou, tornando-se atrativo ao pequeno investidor entrar no mercado de renda variável.

Outro gatilho importante para a alocação de recursos do investidor no mercado de capitais foi a influência dos juros baixos na renda fixa. A taxa Selic, taxa básica de juros, iniciou seu processo de redução a partir da 228ª reunião do Comitê de Política Monetária - COPOM, passando de 4,50% para 4,25% ao ano. Desde então, suas reduções foram constantes, até o patamar de 2% a.a. após decisão do COPOM em 05/08/2020. A Selic permaneceu nesse patamar até o início de 2021.

A influência dos juros é sentida em todo o mercado financeiro, atuando sobre as decisões de investimentos e financiamentos, tanto a curto como a longo prazos. Quando os juros apresentam um comportamento de alta, os investidores de mercado são atraídos para títulos de renda fixa com maior remuneração esperada. Em momentos de baixa dos juros, a situação se inverte, migrando os investidores para o mercado de renda variável (ações). (ASSAF NETO, P. 137, 2021)

De acordo com a Brasil, Bolsa, Balcão - B3, o número de investidores Pessoa Física no mercado de capitais atingiu mais de 3 milhões de CPFs cadastrados no mês de setembro de 2020, sendo menos de 1 milhão deles mulheres. Em comparação entre 2020 e 2021 o número cresceu para 4,2 milhões de pessoas físicas, com aumento de valor em custódia de 9%, totalizando R\$501 bilhões.

Algo inverso ao que Assaf Neto explica sobre a alocação de investimentos em renda fixa ocorreu pois na prática existiu um aumento de estoques em renda fixa. Segundo relatório mensal da ANBIMA, no ano de 2019 os estoques de renda fixa fecharam em um total de R\$6.966,83 bilhões e no ano de 2020, R \$8.016,60 bilhões, um aumento de 13,09% de um ano para o outro. Um dos motivos desse aumento pode ser explicado pela alta rentabilidade de títulos pré-fixados e de índices atrelados à inflação (IPCA), com rendimento anual de 6,4% a.a.

A redução da taxa de juros básica da economia nos últimos anos permitiu que o mercado de debêntures se consolidasse como fonte alternativa para captação de recursos pelas empresas e de aplicação por parte dos investidores. Contudo, a maior aversão ao risco imposta pela pandemia se refletiu na liquidez do mercado secundário. Em fevereiro de 2020, quando o

Brasil tinha apenas um caso confirmado do vírus, 6,1% dos títulos fora das carteiras dos subscritores eram considerados líquidos, em contrapartida, em dezembro de 2020 esse número passou para 5,8%. (ANBIMA, 2021)

Estudos por parte da B3 exemplificam o perfil do investidor que entrou no mercado financeiro no ano de 2020, ápice da pandemia de Coronavírus. Divididos em 3 perfis - avesso a riscos, realizador e ousado - a pesquisa por parte da companhia explica que quanto mais conservador o investidor, menor é seu conhecimento sobre o mercado e diversificação, logo a sua alocação de recursos e exposição ao risco será menor. A tendência de que os pequenos investidores se popularizaram no mercado se consolidou, sendo a faixa de renda dos investidores menor que R \$5 mil mensais, sendo a média inicial de investimento de R \$660,00. “A população investidora é jovem (média de 32 anos), se preocupa em diversificar seus investimentos e começa a montar sua carteira com valores baixos.” (B3, 2021)

O novo investidor está ciente que para ganhar mais deve se expor mais ao risco, logo, seu conhecimento sobre o mercado financeiro deve ser maior. Os investidores que iniciaram no período da pandemia, alocaram seus recursos com visão de longo prazo, não se prendem apenas na taxa básica de juros para a tomada de decisão, mas buscam autonomia para investir. Apenas 11% dos entrevistados indicou que a entrada no mercado de capitais se deu em razão da queda da taxa de juros e baixo rendimento na poupança. (B3, 2021)

A popularização da educação financeira também contribui para a movimentação de recursos por parte do pequeno investidor, sendo que, na pesquisa da bolsa de valores brasileira, 73% dos entrevistados consumiam conteúdo e informações sobre investimentos na internet e 60% com influenciadores ou em canais de finanças na plataforma *YouTube*.

6 | CONCLUSÃO

O problema de pesquisa do presente estudo foi identificar as modalidades de investimento atrativas ao investidor com o paralelo de duas das depressões econômicas relevantes no século XXI, bem como explicar o comportamento do investidor frente aos dois períodos: a crise de 2008 e a de 2020.

É possível concluir a partir da pesquisa e dos dados estratificados que a economia teve impactos que serão base de estudo por vários anos, como a crise de 2008 e as suas medidas de contenção que são abordadas como modelo até hoje. As estratégias do governo, a partir de um modelo de política econômica monetária expansionista - a redução da Selic - não teve os impactos esperados da forma como modelados, porém trouxe uma alocação de recursos maior no mercado de capitais, com a injeção de mais de R\$500 bilhões ao fim de 2021.

Esta queda na taxa de juros deveria, segundo Assaf Neto, reduzir o capital alocado em renda fixa e aumentaria as reservas em renda variável, porém na prática

esse comportamento não ocorreu. O que aconteceu de fato foi uma elevação de valores, tanto em reservas de Renda Fixa, quanto em renda variável e mercado de capitais. Tal comportamento é explicado pela busca de autonomia do investidor na hora de escolher seus produtos, bem como a possibilidade de iniciar seu investimento com valores menores no mercado de renda variável, uma vez que, com a bolsa brasileira tendo ações com valores baixos, impactado pela aflição dos investidores ao mercado global frente a iminente pandemia, o investidor com pouco recurso teve mais facilidade em incrementar sua carteira com ações e se expor ao risco.

REFERÊNCIAS

Kuronuma, Helio Henrique. **PARALELO DAS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS ENTRE AS CRISES ECONÔMICAS DA DÉCADA DE 20 E A DE 2008**. 2010. Disponível em: <<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/0711260059.pdf>> Acesso em: 30/03/2022

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. **INDICADORES IBGE: CONTAS NACIONAIS TRIMESTRAIS**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9300-contas-nacionais-trimestrais.html?edição=20920&t=publicacoes>> Acesso em: 26/04/2022

BORÇA JUNIOR, Gilberto Rodrigues; TORRES FILHO, Ernani Teixeira. **ANALISANDO A CRISE DO SUBPRIME**. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, v.15, n.30, p. 129-159, dez. 2008. Disponível em: <<http://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/8344>> Acesso em: 16/05/2022.

JUNIOR, Gilberto Rodrigues Borça; TEIXEIRA FILHO, Ernani Torres. **AS ORIGENS E DESDOBRAMENTOS DA CRISE DO SUBPRIME**. Francisco Marcelo Rocha Ferreira, v. 287, 2009. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/1907/2/Ensaio%20sobre%20Economia%20Financeira_2009_P_A.pdf#page=290> Acesso em: 16/05/2022.

LAPORTA, Taís. **Entenda o circuit breaker e relembre momentos de turbulência na bolsa**. G1, 18/05/2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/mercados/noticia/entenda-o-circuit-breaker-e-relembre-momentos-de-turbulencia-na-bolsa.ghtml>> . Acesso em: 13/06/2022.

Comitê de Política Monetária. **ATA DA 139ª REUNIÃO**. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/publicacoes/atascomopm/10122008>> Acesso em 28/05/2022.

UNA-SUS. **Coronavírus: Brasil confirma o primeiro caso da doença**. Disponível em: <<https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>> Acesso em: 12/06/2022.

LIMA, Alexandre Vasconcelos. A POLÍTICA MONETÁRIA NO CENÁRIO DA PANDEMIA. **Boletim Economia Empírica**, v. 1, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://portal.idp.emnuvens.com.br/bee/issue/view/206>> Acesso em: 21/02/2022.

Histórico de Cotações do Índice IBOVESPA. Disponível em: <https://www.b3.com.br/pt_br/market-data-e-indices/servicos-de-dados/market-data/cotacoes/?symbol=IBOV> Acesso em 13/06/2022

O que é Ibovespa? Entenda tudo sobre o índice da B3. Research XP. 27/07/2020. Disponível em: <<https://conteudos.xpi.com.br/aprenda-a-investir/relatorios/o-que-e-ibovespa/>>. Acesso em: 13/06/2022.

Perfil Pessoas Físicas. Brasil, Bolsa, Balcão - B3. Disponível em: <https://www.b3.com.br/pt_br/market-data-e-indices/servicos-de-dados/market-data/consultas/mercado-a-vista/perfil-pessoas-fisicas/perfil-pessoa-fisica/> Acesso em: 14/06/2022

NETO, Alexandre A. **Mercado Financeiro.** Rio de Janeiro, Grupo GEN, 2021. 9788597028171.

Emissões ultrapassam R\$ 300 bilhões em 2020, ANBIMA. Rio de Janeiro, 08/12/2020. Disponível em: <https://www.anbima.com.br/pt_br/informar/relatorios/mercado-de-capitais/boletim-de-mercado-de-capitais/emissoes-ultrapassam-r-300-bilhoes-em-2020.htm> . Acesso em 14/06/2022.

Google Trends. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2020-01-01%202020-12-31&geo=BR&q=a%C3%A7%C3%B5es>>. Acesso em: 14/06/2022

Banco Central do Brasil. Taxas de Juros Básicas - Histórico. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/historicotaxasjuros>>. Acesso em: 14/06/2022

Carteira de pré-fixados longos exhibe a maior rentabilidade do ano. ANBIMA. Rio de Janeiro, 11/01/2021. Disponível em: <https://www.anbima.com.br/pt_br/informar/relatorios/renda-fixa-tesouraria/boletim-renda-fixa/carteira-de-pre-fixados-longos-exibe-a-maior-rentabilidade-do-ano.htm>. Acesso em: 14/06/2022.

B3 atinge 4 milhões de contas em renda variável. Brasil, Bolsa, Balcão - B3. São Paulo, 03/11/2021. Disponível em: <https://www.b3.com.br/pt_br/noticias/4-milhoes-de-pfs.htm>. Acesso em: 14/06/2022.

B3 atinge 5 milhões de contas de investidores em renda variável em janeiro. Brasil, Bolsa, Balcão - B3. São Paulo, 04/02/2022. Disponível em: <https://www.b3.com.br/pt_br/noticias/5-milhoes-de-contas-de-investidores.htm#:~:text=Em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20ao%20final%20de,no%20mesmo%20m%C3%AA%20de%202021.>>. Acesso em 14/06/2022.

Gráfico 1: **IPEADATA. Histórico do PIB brasileiro.** Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/exibeserie.aspx?serid=38414>> - Acesso em: 19/05/2022.